

Apresentação

Pedro Angelo Pagni
Sinésio Ferraz Bueno
Rodrigo Pelloso Gelamo

Como citar: PAGNI, Pedro Angelo; BUENO, Sinésio Ferraz; GELAMO, Rodrigo Pelloso. Apresentação. *In:* PAGNI, Pedro Angelo; BUENO, Sinésio Ferraz; GELAMO, Rodrigo Pelloso (org.). **Biopolítica, arte de viver e educação**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 7-17.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-274-1.p7-17>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

APRESENTAÇÃO

O tema da Biopolítica nos remete ao diagnóstico do presente, desenvolvido originalmente por Michel Foucault e, posteriormente, aprofundado por outros filósofos contemporâneos, como Giorgio Agamben, sem contar que filósofos como John Dewey, Jürgen Habermas, dentre outros, o tangenciaram. Para parte desses filósofos, uma dimensão da vida humana teria sido abandonada para que se restringisse a um tipo de racionalidade, àquilo que pode ser regulamentado pelo Estado e governado politicamente pelas diversas artes de governos espalhadas pela sociedade civil. Se, na crítica feita por alguns desses filósofos em relação à reconciliação entre a vida e o mundo, por meio de uma racionalidade e de uma pragmática específica, da parte de outros essa reconciliação seria impossível, provocando um pensar constante e a assunção de uma atitude ética e política de resistência ao existente.

Diante desse dilema atual, algumas perspectivas filosóficas educacionais advogaram a integração da vida à escola e um tipo de pragmática do ensino capaz de integrar os elementos daquela aos princípios da cognição e da unidade lógica discursiva presentes nesta. Por sua vez, outras insistiram em manter aberta a tensão entre vida e escola, elegendo-a como um campo privilegiado para se compreender os processos de subjetivação e para se proporcionar um reflexionamento ético sobre a ação pedagógica, a atividade docente e a proposição de novos problemas ao ensino de Filosofia. É no âmbito do embate dessas perspectivas que se discutiu o tema em questão, nesta coletânea.

Os resultados das discussões sobre o tema encaminharam-se no sentido de apontar para uma crítica contundente com respeito aos efeitos éticos e políticos da biopolítica atual para a educação, indicando algumas possibilidades para que a arte de viver e a estética da existência

se interpusessem aos processos de escolarização e à pragmática do aprendizado. Essas reflexões propiciaram, ainda, uma discussão sobre os modos de pensar o tema, na atualidade, com destaque para a forma com que vem sendo pensado predominantemente no Brasil, em Portugal, na Espanha, na Bélgica e nos Estados Unidos, em que pesem as diferenças substanciais em que a Biopolítica atual afeta esses países. A partir desses pontos de vista e perspectivas sobre o tema, pensou-se na possibilidade da ação de o educador servir como elemento para que, em sua pragmática, se compreenda uma dramática e se estabeleçam outras formas de relação com os seus alunos. Desse modo, o tema da Biopolítica, da arte de viver e da educação foi debatido no IV Simpósio Internacional em Educação e Filosofia e retomado, nesta coletânea, que selecionou as suas mesas redondas, tendo em vista não apenas as suas principais inflexões teóricas sobre o campo da Educação e da Filosofia, como também o empreendimento de outros sentidos às práticas escolares, promovendo um maior vínculo entre estas e algumas das principais tendências contemporâneas da filosofia. Num momento em que a reflexão filosófica parece ter-se ausentado da atividade docente, tais resultados sinalizam que esse evento científico se constituiu, assim, em um contraponto à arte de governo pedagógica e à Biopolítica que a enreda, assim como à atual pragmática do ensino, indicando outras possibilidades do aprendizado da Filosofia na formação dos educadores e alternativas viáveis ao pensar a/na educação. Com tais propósitos, a presente coletânea se organiza em quatro partes, com seus respectivos capítulos.

A primeira parte discute algumas Perspectivas da formação humana frente à Biopolítica, em vistas a abordar a sua problemática e as suas inflexões filosófico-educacionais. Ao problematizar a situação da formação humana na Biopolítica atual, procura analisar os desafios lançados a esse campo de estudos, diante da destituição do mundo da vida e da preponderância da racionalidade técnica, no âmbito da prática educativa.

No primeiro capítulo, intitulado “Formação em outra perspectiva”, a professora Nadja Hermann (PUS/RGS) analisa a Bildung como projeto ambicioso, na medida em que pressupõe a tendência de perfectibilidade da humanidade no sentido do incremento dos potenciais de emancipação. A não confirmação histórica dessa tendência foi em seguida desenvolvida mediante a referência a diversos pensadores que, cada qual a seu modo,

abordaram a crise do sujeito. Desde Freud, Wittgenstein, Foucault, Adorno e Honnet, considerou a professora, a referida crise pode ser definida por meio de dois pontos comuns: o abalo de crenças arraigadas da civilização ocidental e a visão desiludida da autodeterminação. Como alternativa ao projeto extremamente ambicioso da Bildung, Nadja Hermann apresenta a perspectiva de exploração do caráter intersubjetivo e dialógico da experiência, embasada fundamentalmente em Gadamer. Resumidamente, a tese gadameriana propõe a experiência como “aprendizado pelo sofrimento”. De acordo com a professora, Gadamer postula a noção da “experiência trágica da finitude”, como algo que dispensa certezas prévias, sendo mediada pela imaginação e pela dimensão estética, como *aesthesis*.

No segundo capítulo, “Matizes filosófico-educacionais da formação humana e desafios da arte de viver”, Pedro Angelo Pagni (UNESP-Marília) problematiza os usos dessa ideia de formação e indica uma alternativa para que se possa encontrar, na dimensão artística da ação pedagógica, um modo de resistir às condições que concorreram para a sua dissolução, no presente. Para tais propósitos, examina a gênese e o desenvolvimento do ideal moderno de formação para, então, discutir a perspectiva do inumano da arte como um dos meios de privilegiar a dimensão estética da ação formativa e o ponto de vista da estética da existência como uma possibilidade de conferir-lhe um sentido ético-político capaz de resistir ao seu esfacelamento, no presente. Desse ponto de vista, argumenta pela tese de uma ação formativa que se constituísse como possibilidade de (trans)formação de si e como um desafio da arte de viver à educação escolar, na atualidade.

No terceiro capítulo, intitulado “Foucault e a educação: um caso de amor não correspondido?”, Alexandre Simão de Freitas apresenta a recepção no campo da Educação dessa referência teórica matricial para compreender o problema da formação humana e, sobretudo, o modo como os últimos escritos desse filósofo vêm movimentando os debates recentes em Filosofia da Educação. O seu autor enfatiza a fecundidade desses escritos, considerados muitas vezes menores, que revelam a face do “professor Foucault” como relevante para discutir a crise da formação humana e descristalizar algumas interpretações que esta tem recebido, no âmbito da Educação. Defende que a problematização do sujeito foucaultiano do

cuidado de si traz novos elementos que ultrapassam os impasses nos quais se tem debatido “a teorização educacional crítica contemporânea”.

Essa parte da coletânea procura oferecer ao seu leitor, assim, interpretações acerca dos impasses da formação humana frente à biopolítica atual e algumas possibilidades de a Filosofia da Educação debatê-la a partir de perspectivas teóricas diversas, mas que se centram na interlocução com o pensamento de Michel Foucault.

A segunda parte, intitulada Biopolítica, ética e diferença: desafios para a educação atual, aborda a possibilidade da diferença como um problema para a educação e para a Biopolítica atual, que as desafia política e eticamente.

Ao debater os seus desafios políticos, os dois primeiros capítulos dessa parte colocam no centro da discussão as ciladas ou não da diferença. No capítulo “(Bio)política, democracia, pluralismo e educação: dilemas que demandam uma politização outra”, Sylvio Gadelha procura caracterizar sua crítica ao que ele considera ser o “cerco à multiplicidade”, criticando o que Antonio Flávio Pierucci denominou “ciladas da diferença”, problematizando-o a partir do que denominou de o caráter molecular e policromático das “novas formas de protesto” e da noção deleuziana de “acontecimento”. O autor encontra, nessas últimas referências, uma como possibilidade de vida e de diferença que teria um papel político importante, na atualidade. Diferentemente dessa compreensão, no capítulo “Pedagogia da diferença ou metafísica da diferença?”, Sinésio Ferraz Bueno assume posição oposta, utilizando as críticas de Pierucci para problematizar as derivações da filosofia da diferença para a pedagogia, com o intuito de sustentar que também nesta última existe uma pretensão metafísica à universalidade, que a contradiz e revela sua face identitária. Ao defender essa posição, no quinto capítulo da coletânea, esse autor evidencia uma face ética que subjaz à discussão política, objeto da discussão dos três capítulos seguintes desta coletânea.

Esses três capítulos subsequentes se centram na discussão da diferença e do respeito ao outro como uma problemática ética central à educação, pois pode auxiliar o leitor a vislumbrar possibilidades para resistir aos seus mecanismos da Biopolítica, no presente, porque, em uma época em que proliferam os discursos acerca da inclusão, que, em muitos

casos, anula o Outro em sua alteridade radical, pensá-lo passa a ser um de dos principais desafios filosófico-educacionais.

No capítulo “Patologia da repugnância e respeito à diferença”, Cláudio Almir Dalbosco (UPF) considera que a compreensão e o respeito pela diferença são atitudes mínimas necessárias à construção de uma convivência livre e democrática, o que exige a ruptura com o sentimento de repugnância característico da condição humana. Sua tese afirma que tal sentimento, que é uma das principais formas de discriminação humana e social, constitui um dos problemas centrais a serem enfrentados no processo formativo-educacional das novas gerações. A base desse sentimento se encontra na ilusão de invulnerabilidade, desenvolvida no decorrer da modernidade, cuja origem advém do ideal de formação da nobreza europeia, sobretudo francesa, no século XVIII, ao qual o Emílio de Rousseau ofereceu um contraponto decisivo, por meio da noção de *perfectibilité*, que exprime o aspecto plástico e indeterminado da natureza humana. Para afastar a tendência a uma patologia da repugnância, o autor recorre ainda a Rousseau, para quem a questão não consiste nem em diminuir os desejos, nem em ampliar as faculdades, mas equacionar os desejos e as faculdades, a vontade e o poder. O desafio da educação natural não está em ignorar, nem em reprimir os desejos da criança, mas em estabelecer a distinção entre o real e a fantasia, impedindo a invasão racional adulta excessiva no mundo da criança. Assim, aprendendo a compreender vivamente e de maneira não traumática a experiência da debilidade e dos limites humanos, nossas crianças terão melhores condições emocionais de assumir o ideal da convivência recíproca e da ajuda mútua, conclui Dalbosco.

No capítulo “Cuidado, alteridade e diferença: desafios éticos para a educação”, Sílvio Gallo (UNICAMP) parte da noção de Outro e o quanto a mesma porta algo de ameaçador, uma vez que abala a nossa segurança e a certeza que temos sobre o que somos e o que desejamos. Inicialmente, o autor retoma o sentido do outro nos termos como Sartre a ele se refere, no livro *O ser e o nada* e na peça *Entre quatro paredes*, em que o outro se revela como presença incômoda ao eu, mas ao mesmo tempo inevitável para a constituição da consciência que o eu constrói a respeito de si mesmo. Essa consciência acerca do outro produz o estranhamento e revela a diferença, ao mesmo tempo em que produz também a angústia do

eu diante do olhar do outro, que o descobre em suas fragilidades. Assim, essa relação eu-outro se dá por meio de uma conscientização mútua, a qual ocorre de maneira pouco clara e sempre muito conflituosa, porque o eu exposto ao outro se sente ameaçado. No entanto, nesse jogo, por mais que o eu busque ignorar ou afastar-se do outro, ele estará sempre diante dele. É nesse sentido, destaca Silvio Gallo, que o outro funciona como uma espécie de inferno para o eu. É nessa relação tensa e conflituosa que entram em cena as dissimulações, as máscaras, que limitam o reconhecimento mútuo entre o eu e o outro, o que restringe, portanto, a percepção do outro em sua alteridade radical. Ainda que Sartre anuncie esse outro em sua radicalidade incômoda, para o autor, o desafio consiste em romper com os resquícios de uma filosofia do sujeito que, ao longo da modernidade, reduziu o outro radical à identidade do próprio sujeito, transformando-o em algo familiar, eliminado assim toda a diferença radical. O que há no outro que desloca a nossa identidade e lança por terra a imagem que temos de nós mesmos, do nosso grupo, de nossa comunidade e de nossa sexualidade, tudo isso nos perturba e nos lança numa atividade frenética de produção de identidades apaziguadoras, as quais produzem ou negam o outro, no nível do discurso. Conforme ressalta Sílvio Gallo, a modernidade se especializou na fabricação do outro, mas um outro sem alteridade, pois produzido apenas como diferença, como espectro, portanto, como puro artifício. Nessa prática, está presente o risco de se inventar o outro para logo em seguida apagá-lo, eliminá-lo de nosso horizonte, anulando o que há nele de inominável e de irredutível. Em face dessa constatação, interroga Sílvio Gallo: como pensar esse excesso de discursos sobre o outro que mais parece anulá-lo em sua alteridade radical? No campo das teorias e práticas educacionais, talvez todo o esforço e investimento devessem se voltar para o exercício do pensar e sentir o outro, bem como para o exercício do sentir e pensar com o outro. Isso exigiria a construção de um novo ethos para a educação, que nos possibilitasse sentir, ver, pensar, imaginar e narrar de outro modo o que há de irredutível e inominável sobre o outro. E, se for o caso, também, cessar as palavras sobre esse outro, o qual está encerrado no excesso de opinião e dos saberes que se constroem sobre ele.

No capítulo “A temporalidade do presente e a arte de viver em um tempo em que o tempo não conta mais”, Divino José da Silva (UNESP-

Pres. Prudente) diagnostica os efeitos que a temporalidade do presente exerce sobre a nossa percepção e experiência com o tempo, na atualidade, e seus desdobramentos no âmbito de uma arte de viver. Na sociedade contemporânea, premidos pela lógica da velocidade ditada pelo ritmo da produção e do consumo, parece já não haver mais tempo para que os indivíduos se detenham mais longamente na construção de um saber sobre si mesmos. O autor considera essa tarefa imprescindível na atividade de julgar o bem e o mal, e distinguir entre o útil e o que é prejudicial à sobrevivência do indivíduo e da sociedade, do ponto de vista do que Benjamin e Foucault denominaram, desde Baudelaire, atitude de modernidade.

Esse último conjunto de capítulos, ao discutirem a ética e, particularmente, uma ética do cuidado, acabam por introduzir a temática da arte de viver e suas relações possíveis com a educação escolar e com o ensino da Filosofia, objeto da terceira parte desta coletânea. Nos quatro capítulos dessa terceira parte, discute-se a temática da Arte de viver, educação escolar e ensino de Filosofia: relações possíveis. Os dois primeiros capítulos tratam das possíveis relações da arte de viver com a educação escolar, enquanto os dois últimos procuram relacioná-la, particularmente ao ensino de Filosofia.

No capítulo “A educação para a democracia: precisamos de mais paixão, não menos”, Gregory Pappas (Texas A&M University) argumenta por uma perspectiva em que a vida possa ser integrada aos dispositivos da escola e que esta, por sua, vez tem um papel importante no aprimoramento democrático. Busca na filosofia de John Dewey elementos para discutir o problema da baixa qualidade do discurso público nas Américas, o qual se encontra permeado pelo negligenciamento dos fatores estéticos e afetivos, particularmente no campo da educação. Contra uma interpretação intelectualista de Dewey, defende que o conhecimento é importante, mas não tão importante – afirmação que remete ao valor daquilo que é não proposital e não cognitivo na investigação – e redefine a própria noção de democracia.

No capítulo “Arte de viver e educação escolar: caminhos, conexões e impasses”, Alfredo Veiga-Neto (UFRGS) analisa o tema em questão, do ponto de vista de alguns conceitos foucaultianos, buscando algumas aproximações das correntes filosóficas do Pragmatismo e do

Neopragmatismo e, por fim, pensando em alguns de seus nexos com a educação escolar (para as pesquisas em Filosofia da Educação). Nos elementos comuns entre Foucault e pragmatistas e neopragmatistas, o autor ressalta as seguintes proximidades: o pluralismo teórico e o antifundacionismo; o antiessencialismo; o antirrepresentacionismo; o *a priori* histórico; a teoria como instrumento; um acento no contexto, em detrimento dos universais e dos imperativos categóricos; o descentramento do sujeito e a centralidade da prática. Por essas proximidades e a de uma relação entre pensamento e linguagem, defende os vínculos com a arte de viver, em Foucault, e a forma como ela se apresenta, em Dewey, na constituição de uma nova ética que não encontra suporte em nenhum transcendente, ainda que, nesse caso, haja diferenças fundamentais entre Dewey e Foucault, visto que o primeiro não restringe a prática ao plano discursivo e muito menos considera a linguagem como capaz de expressar toda a experiência humana. Assim, do mesmo modo que os pragmatistas e neopragmatistas, Foucault não teria fundado uma ética baseada em pressupostos transcendentais, mas numa arte de viver. O cuidado de si como prática inerente à arte de viver não se identifica, como esclarece Veiga-Neto, com uma espécie de egoísmo e individualismo próprios da época contemporânea, mas, antes, tem um caráter político que requer um modo de pensar e agir sustentados no domínio de si.

Nos outros dois capítulos, as questões relativas à Biopolítica e à arte de viver se estendem ao que se ensina, quando se ensina Filosofia, explorando as relações dessa disciplina com a formação humana e o cuidado de si.

Esse tema é abordado por Olga Grau Duhart (Universidad de Chile), no capítulo “Simone de Beauvoir: el arte de vivir y pensar filosóficamente fuera de la disciplina”. Remetendo-se à obra da filósofa francesa Simone de Beauvoir e a sua biografia, a autora chilena sustenta que aprender a Filosofia seria um ato de formação de si que implica uma arte de viver e de filosofar sobre si e sobre a própria vida. O que se ensina, então, quando se ensina a Filosofia? Ensina-se um modo indisciplinado de filosofar, que deve procurar sua própria maneira de viver e de vivê-la: como forma de vida que se afirma, tornando-se, em seu realizar-se, uma escritura de si mesmo.

No outro capítulo com o mesmo propósito, Elisete Tomazetti (UFSM) discorre sobre as práticas discursivas acerca do ensino e da aprendizagem da Filosofia, tendo como referência os conceitos de instituição disciplinar, experiência de pensamento e arte de viver e, também, por outro lado, a experiência como professora formadora de futuros professores de Filosofia, no contexto da instituição escolar e universitária. A partir de um esboço de como o ensino da Filosofia se desenvolveu, no Brasil, a autora procura responder à questão: o que se ensina, quando se ensina a Filosofia? Para tal propósito, contextualiza primeiro, com base no pensamento arqueogenológico de Foucault, como esses discursos se estabeleceram sobre o ensino de Filosofia; em seguida, depreende dessa análise que se ensinou « A Filosofia », constituída por conteúdos como Lógica, Metafísica, História da Filosofia. Ensinou-se essa Filosofia para estudantes com capital cultural condizente aos imperativos da disciplina e da escola daquele tempo; por fim, aborda a questão relativa à emergência do movimento nacional pelo retorno obrigatório da disciplina na escola de Ensino Médio e do enunciado « Ensinar Filosofia é ensinar a Filosofar ».

A quarta parte desta coletânea congrega capítulos sobre a temática Pensar a educação: entre o amor, a amizade e o inapreensível, objetivando abordar o lugar que ocupa essas virtudes ocupam na relação pedagógica, trazendo contribuições para o que se poderia denominar uma dimensão erótica do cuidado ético.

No capítulo 13, intitulado “Educar na realidade da amizade”, Jean-Christophe Merle (Universidade de Lorraine, na França) discute a questão da necessidade ou da possibilidade do ensino do amor e amizade, na escola. Após recuperar a ideia defendida por educadores de que a amizade e o amor nascem e crescem gradualmente, como que por fases, adquirindo importância a partir da adolescência, para ele, enquanto objetos de ensino, o amor e a amizade têm lugar no curso de Filosofia, pelo menos onde a Filosofia faz parte do programa do ensino secundário e, nesses cursos, muitas vezes apenas algumas concepções clássicas da amizade e do amor, como as de Platão e de Aristóteles, são abordadas, sem fazer distinções das diferentes concepções controversas, de amor e de amizade, nem examinando os perigos e toda a gama de opções oferecidas pelas diferentes formas de amor e de amizade possíveis, comparando as suas vantagens e seus inconvenientes, e

observando seu processo. Retomando uma ideia sustentada por John Stuart Mill sobre a liberdade, conclui que expor o que é o conceito de amizade e de amor, distinguindo concepções controversas, não tem, pois, um interesse puramente teórico, mas também prático.

No segundo capítulo dessa parte, “O papel das paixões na formação da moralidade”, Alonso Bezerra de Carvalho (UNESP-Assis) analisa uma vertente da história da Filosofia que considera que, para a obtenção de conhecimentos verdadeiros e para a realização de ações virtuosas, deveríamos nos abster de levar em conta o mundo das paixões e seus correlatos, como os sentimentos e as emoções, quase sempre tomados como sinônimos. Contrapondo-se a essa tradição, focaliza as paixões como algo essencial na constituição humana que, se desconsiderada, pode nos conduzir a não compreender o homem em sua plenitude. Nessa perspectiva, reflete o papel ocupado pelas paixões no processo de formação de indivíduos ético-morais e lança algumas ideias trazidas por Aristóteles, especialmente em dois textos bastante conhecidos: *Ética a Nicômaco* e *Retórica*.

No terceiro capítulo dessa última parte, “Estâncias: sobre a transmissão do inapreensível”, Maximiliano Valério López (Universidade Federal Fluminense) se propõe pensar e convidar a pensar sobre a dinâmica dos afetos na maquinaria educacional contemporânea e como, por meio dela, se dá forma a essa entidade fantasmática que chamamos humanidade, na qual circulam e tomam forma os afetos. Segundo o autor, “o humano”, isso que a educação se propõe “formar”, não é uma substância, mas o efeito de uma série de dispositivos histórico-sociais, cujo exercício implica relações de força, formas de significação e a construção de um determinado tipo de subjetividade. Desse modo, poder-se-ia dizer, então, que, “o humano”, tal como o sentimos e concebemos hoje, nos limites incertos que demarcam nossa tradição, é o resultado de uma produção política e epistêmica, de uma maquinaria produtora de humanidade, de uma máquina antropológica. Tomado de empréstimos do filósofo italiano Giorgio Agamben, para o autor, a maquinaria antropológica nos faz compreender que, em nossa cultura, o humano tem sido sempre pensado como a articulação e a conjunção de um corpo e uma alma, de um vivente e um logos, de um elemento natural (ou animal) e um elemento sobrenatural, social ou divino. A máquina afirma a existência de uma dimensão que, fazendo parte do homem, no entanto,

não é tida como especificamente humana: ou seja, o dispositivo inventa assim uma região ou província do humano que seria uma espécie de in-humanidade do homem. Assim, apareceria no interior da humanidade uma região que poderíamos denominar impropriamente humana (ou propriamente in-humana?), partilhada com os outros viventes, em face da qual o humano se desprende como uma diferença.

No âmbito de suas quatro partes constitutivas, esperamos que a presente coletânea dê conta de abordar de diferentes perspectivas e focos o tema da Biopolítica, da arte de viver e da educação, em torno do qual se articula. A sua organização nesses termos não teria sido possível sem as discussões ocorridas no IV Simpósio Internacional em Educação e Filosofia, organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa de mesmo nome, em 2011, na UNESP, Campus de Marília, e o precioso apoio da CAPES (processo PAEP 0284/08-4), da FAPESP (processo 2008/03217-2), da FUNDUNESP, das Pró-Reitorias de Pesquisa e de Pós-Graduação, que propiciaram o encontro dos autores e, em parte, o apoio necessário para a elaboração desta coletânea.

Para finalizar, gostaríamos de agradecer o apoio e a colaboração de todos os membros do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Filosofia (GEPEF), identificados a seguir, que concorreram diretamente para esta realização: Divino José da Silva, Alonso Bezerra de Carvalho, Cláudio Brocanelli, Vandei Pinto da Silva, Beto Cavallari Filho, Denise Moraes Lourenço, Paula Angerami, Cinthia Falchi, Marlon Trevisan, Anderson Luiz Pereira, Leonardo Gonçalves, Tales Amaro Ferreira, Elisabete Aparecida Ribeiro, Jonas Rangel de Almeida, Patrick Viana.

Pedro Angelo Pagni
Sinésio Ferraz Bueno
Rodrigo Pelloso Gelamo
Organizadores